



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**EDUARDO HENRIQUE DE ROSE**

**(depoimento)**

**2005**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:** E-105

**Entrevistado:** Eduardo Henrique De Rose

**Nascimento:** Não informado.

**Local da entrevista:** Porto Alegre/RS

**Entrevistadores:** Karine Dalsin

**Data da entrevista:** 14/04/2005

**Transcrição:** Camile Romero

**Conferência Fidelidade:** Anna Maurmann

**Copidesque:** Johanna Coelho von Mühlen/Silvana Vilodre Goellner

**Pesquisa:** Felipe Schuch

**Fitas:** (01 fita) 105/01-A e 105/01-B

**Total de gravação:** 40 minutos

**Páginas Digitadas:** 12

**Catálogo:** Vera Maria Sperandio Rangel

**Número de registro:** 01701/2007/01

**Nº da fita:** 01701/2007/01

**Observações:**

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo.

DE ROSE, Eduardo Henrique. *Eduardo De Rose (depoimento, 2005)*.  
Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE –  
ESEF/UFRGS, 2007.

## **Sumário**

Início do envolvimento com a ESEF; disciplinas que ministrou; projeto de criação do LAPEX na Escola; alunos que iniciaram as atividades no LAPEX; pesquisas realizadas no LAPEX; cargos que desempenhou na ESEF; incentivo ao doutorado; perfil dos alunos que escolhiam suas disciplinas; relação do LAPEX com a ESEF; testes físicos na Escola; início da pesquisa na Escola pelo LAPEX: áreas de interesse; abertura do LAPEX para a Escola: discussões, restrições, críticas; significados da ESEF para sua vida.

Porto Alegre, 14 de abril de 2005. Entrevista com Eduardo Henrique De Rose, a cargo da entrevistadora Karine Dalsin, para o Projeto Garimpendo Memórias, do Centro de Memória do Esporte.

K.D. - Eduardo, eu gostaria que tu iniciasses contando como começou o teu envolvimento com a ESEF<sup>1</sup>, como tu chegaste até a Escola...

E.R. - Eu cheguei na Escola num momento que a Escola era do Estado e, como ela pertencia ao Estado... Eu era médico legista nessa época, o professor Targa<sup>2</sup>, que era o Jacinto Targa, diretor da ESEF, pediu para eu dar algumas aulas, porque eu tinha o curso de Medicina do Esporte, que fiz em 68. E, então, fui para a ESEF para dar essas aulas, transferido da Secretaria de Segurança, para a Secretaria de Educação, cedido por um tempo. Fui trabalhar na ESEF como professor de Socorros de Urgência<sup>3</sup> e professor de Fisiologia Esportiva<sup>4</sup>. Um pouco mais, talvez um ano mais tarde, em 69, a Escola foi federalizada, não sei em que período de 69<sup>5</sup>, mas por aí. E, no processo de federalização, os professores passaram a professor titular e eu, sendo cedido - eu não era professor da Escola... Se colocou no processo de federalização um professor que, na ocasião, era deputado estadual, não dava aula há vários anos, mas que estava fazendo a federalização. Então, ele se colocou no meu lugar e me passou para médico. Eu fui federalizado como médico da Escola e como médico da Escola, eu não podia dar mais aula, porque não havia como, numa Universidade Federal, tu ter um desvio de função, quer dizer, pode ser que houvesse, mas era mais complicado. Aí eu fiquei fora do corpo docente da Escola e, também por federalizar, a Fisiologia e os Socorros de Urgência saíram dos departamentos da Escola: a Fisiologia passou para a Fisiologia, os Socorros de Urgência foi para a Medicina. Então, as minhas disciplinas não existiam mais. Existiam na Escola, mas não dadas por professores da Escola. Eu comecei a trabalhar no gabinete médico da Escola, junto... Ou um pouco depois, o Dr. Gusmão<sup>6</sup> que me antecedeu. E, em 73, eu... Em 71, perdão, eu fui a um congresso no Rio de Janeiro e era um congresso fechado, não era um congresso aberto, mas eu consegui entrar como professor por uma outra instituição. Nesta

---

<sup>1</sup> Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

<sup>2</sup> Jacintho Francisco Targa

<sup>3</sup> Disciplina da grade curricular do curso de Licenciatura em Educação Física.

<sup>4</sup> Idem.

<sup>5</sup> A Escola foi federalizada pelo Decreto n° 997, de 21 de outubro de 1969.

ocasião, no congresso, eu vi que o Ministério de Educação e Cultura, naquela época, havia decidido criar cinco laboratórios brasileiros de Medicina do Esporte. E, eu não tinha muito... Reconhecia a área da Medicina, mas não conhecia muito a parte laboratorial, então, eu pedi, naquela ocasião, ao professor Mário Ricardo<sup>7</sup> que me ajudasse ou me orientasse num projeto de disputar um desses cinco laboratórios. Evidentemente, Santa Maria<sup>8</sup> também apresentou um projeto, mas o nosso projeto da ESEF foi escolhido. E, então, a Escola recebeu uma verba bastante grande para fazer este laboratório, que era o LAPEX - Laboratório de Pesquisa do Exercício - inaugurado em torno de 73, por aí. Em agosto de 73, professor Targa ainda era professor da Escola, o professor Jayme Werner dos Reis era vice-diretor e eu pedi ao Jayme que me indicasse alguns alunos para eu começar a preparar para trabalhar no laboratório. Ele me indicou alguns alunos que eu me lembro, e indicou mais um médico, naquele tempo estudante de Medicina, o Jorge Pinto Ribeiro. A equipe básica do LAPEX, no seu início foi composta basicamente pelos professores Antônio Guimarães<sup>9</sup>, Ricardo Petersen<sup>10</sup>, Adroaldo Gaya<sup>11</sup>, Luiz Biazus, Newton Fortuna<sup>12</sup>, pelo Dr. Belmar Andrade<sup>13</sup>, pelo Jorge Pinto Ribeiro, que mais tarde saiu da ESEF e foi lecionar na UFRGS como professor de Cardiologia, na Medicina da UFRGS. E, eu treinei este grupo no Rio de Janeiro, junto ao laboratório do professor Maurício Rocha<sup>14</sup>. Era o único laboratório existente no Brasil na área de pesquisa do exercício e, pessoalmente, eu fiz uma viagem aos Estados Unidos e procurei em cinco ou seis laboratórios do mesmo nível, criar um modelo para o laboratório de Porto Alegre. Esse laboratório formou, não só o pessoal docente hoje da ESEF, mas principalmente ele era usado para pós-graduação e para cursos de especialização. Não chegava a ser pós-graduação na época... Na formação de médicos do esporte. Em torno de 1980, houve uma lei, passando este grupo - que era só um grupo de professor colaborador, mas não fazia parte da docência da ESEF - com exceção do Belmar Andrade, para lecionar na ESEF como professor adjunto. E aí, foi o grande salto de qualidade da ESEF, uma vez que, sem entrar no mérito e não querendo definir nada em relação às pessoas, o tipo de ensino de

---

<sup>6</sup> Nome sujeito à confirmação.

<sup>7</sup> Nome sujeito à confirmação

<sup>8</sup> Referência ao Centro de Educação Física e Desporto da Universidade Federal de Santa Maria.

<sup>9</sup> Antônio Carlos Stringhini Guimarães

<sup>10</sup> Ricardo Demétrio de Souza Petersen

<sup>11</sup> Adroaldo Cezar Araujo Gaya

<sup>12</sup> Newton Fernando Fortuna.

<sup>13</sup> Belmar José Ferreira de Andrade.

<sup>14</sup> Nome sujeito à confirmação

Educação Física, era um ensino, pelo menos nas áreas científicas, bastante atrasado. Então, o pessoal do LAPEX era um pessoal atualizado em Biomecânica, Fisiologia, Cineantropometria, Cardiologia do Esporte, e esse pessoal... Psicologia do Esporte, Dr. Beno Becker<sup>15</sup> também trabalhava conosco, então, esse pessoal quando começou a lecionar, evidentemente deu um salto de qualidade. Eu trabalhei no LAPEX praticamente de 73 a 80 e aí, eu fui fazer o meu doutorado na Alemanha. Saí de 80 a 85 da Escola e, nesse período, tive um doutorado, depois voltei e continuei nas minhas funções do LAPEX, embora nos últimos anos eu participei um pouco mais em área de direção, eu fui coordenador do Mestrado, fui professor do Mestrado, fui vice-diretor da Escola e cheguei até diretor da Escola. E, quando eu era professor da Escola, uma das minhas preocupações muito grande foi com o doutoramento do corpo docente. Aqui nós tínhamos somente dois doutores entre os cinquenta professores. Eu achava que isso era ilógico, já que a grande tendência na Universidade, era o doutorado. Procurei dar bastante impulso ao doutorado e, nessa época, praticamente saíram os primeiros professores da Escola para o doutorado, o Guimarães, o Ricardo, o Fortuna, o Hélio<sup>16</sup>, depois saiu da Escola, Carravetta<sup>17</sup>, o Mário Brauner<sup>18</sup>, o Francisco Camargo Neto<sup>19</sup>, o Chiquinho - não sei se eu estou falando Francisco Camargo Neto no Chiquinho, ou no Chico, mas depois tu te acerta lá. O Negrine<sup>20</sup>, foram para Barcelona<sup>21</sup>, todos eles foram através dos meus contatos no exterior, que eu fiz, que eu consegui que eles saíssem para o doutorado. Então, quando eu fechei o meu tempo de Direção, havia praticamente quase vinte doutores na Escola, houve um salto muito grande, que eu entendo, pelo menos nesse período. E, o que eu posso te falar mais da Escola? Eu, independentemente da minha posição como Diretor do LAPEX, ou Pós-Graduação, ou Vice-Diretor ou Diretor, eu também assumi a área Panamericana de Medicina do Esporte, depois a área da Federação Internacional de Medicina do Esporte. Então, eu fiz uma série de contatos internacionais e o que eu acho extremamente importante é que Porto Alegre passou a ser conhecida pelo LAPEX porque quando eu voltei, nós começamos a fazer especialização com o pessoal da Espanha, com o pessoal da América Central, da América do Sul, do Caribe, que somou muito em termos de

---

<sup>15</sup> Benno Becker Junior

<sup>16</sup> Nome sujeito a confirmação

<sup>17</sup> Elio Salvador Praia Carravetta

<sup>18</sup> Mario Roberto Generosi Brauner

<sup>19</sup> O entrevistado está fazendo referência ao Francisco Xavier de Vargas Neto cujo apelido é Chiquinho e não ao professor Francisco Camargo Neto.

<sup>20</sup> Airton da Silva Negrine

conhecimento ao que nós tínhamos de conhecimento na Escola. A Escola foi praticamente um centro internacional de formação, não apenas na área médica, mas na área de Ciências do Esporte em função deste grupo que eu criei.

K.D. - E, com a ida deste grupo para o doutorado, muda o caráter pedagógico da Escola, ou muda o viés talvez para a Escola partir mais para o modelo científico e menos voltado à formação de professores de Escola?

E.R. - Não, eu acho que não! Eu acho que a área científica não é a área mais importante da Escola, a área mais importante é justamente a que tu mencionaste, mas, sem dúvida, eu penso que havia uma defasagem muito grande entre o que era a Ciência da Performance e o que era ensinado na Escola. Quando o primeiro grupo de doutorandos saiu, que fez parte o Guimarães, o Ricardo, o Fortuna voltou e, o segundo grupo foi, depois voltou os outros cinco, esse nível foi adequado. Hoje, eu não sei te dizer hoje, porque já saí há uns cinco anos, mas naquela época o ensino na Escola era realmente um ensino de alto nível nas áreas científicas, nas áreas pedagógicas. A Escola sempre foi boa, na área de Recreação, na área de Educação Física, não era uma área que nós participávamos, todo o nosso pessoal tinha uma formação de Ciências do Esporte.

K.D. - Mas tu não acreditas que tenha mudado um pouco a cara da Escola com a vinda desses professores?

E.R. - Ah, sem dúvida, a cara mudou! Mas eu não acho que mudou o ensino da pedagogia da Escola. Mudou só o ensino da ciência aqui da Escola. Especialmente quando a gente começou o mestrado, evidentemente a gente preparou muito mestre para a Escola também, isso teve alguma importância, pelo menos até que vários desses professores se aposentaram, saíram. Então, realmente a gente perdeu muito doutor, como Santa Maria... Teve uma repercussão muito grande ao nível de Mestrado, outros foram para a direção da Escola. Claro que isso aí eu não sei como que é. Eu também mandei, na época que eu era diretor, como é que era... Eu nunca sei o nome desse guri, por ato falho, mas era um guri que veio de Pelotas<sup>22</sup>, e eu mandei ele para fazer Biomecânica em Calgary<sup>23</sup> e ele está

---

<sup>21</sup> Cidade da Espanha

<sup>22</sup> Cidade do Estado do Rio Grande do Sul

dando hoje Cinesiologia ou Biomecânica. Mas eu quase não o peguei, porque ele deu aula um mês e eu já o mandei e quando eu voltei, quando eu saí, ele tinha voltado. Então eu não me recordo o nome desse...

K.D. - Jefferson<sup>24</sup>?

E.R. - Não, não! O Jefferson não é! É um... Não sei, mas o Guimarães sabe o nome dele, porque era da área do Guimarães, ele conhece<sup>25</sup>.

K.D. - Sendo médico, a tua atuação na Escola tem uma forte influência médica, até porque tinham muitos médicos que davam aula na Escola, que aos poucos foram sendo substituídos por professores de Educação Física. Então, dessa influência dos médicos na Escola de educação física, o senhor podia comentar alguma coisa?

E.R. - É, eu só quero te marcar que a Escola nunca teve professores médicos! A Escola teve professores médicos no tempo em que ela era do Estado e, conseqüentemente, ela devia ter o ensino da disciplina da área médica, dados por alguém que era professor da Escola. E aí, nós tivemos o ex-diretor, o Dr. Hélio<sup>26</sup>, o Dr. Poli<sup>27</sup>, o professor de Biomecânica, vários deles eram médicos. O professor de Trauma, mas no momento que a Escola federalizou, isso passou aos departamentos da Medicina, aos departamentos da Fisiologia, a Escola como federalizada, nunca teve professor médico. O que aconteceu foi que quando... Vamos dizer assim, um Decreto-Lei... Se tornam os professores coordenadores, que eram professores que não tinham vínculo com a Escola, é difícil eu te dizer o que era um colaborador, mas era um professor que era por um período, ele não era integralmente parte da Escola. E, o pessoal do LAPEX, eles eram professores colaboradores e, quando esses professores colaboradores passam por decreto presidencial a ser professor da instituição, o único professor médico que entrou fui eu, não houve outro, não é? E, eu nunca dei uma disciplina na Escola, eu dava aula apenas eletivas, eu não dava obrigatórias. Cheguei alguns anos a... Mas acho que não porque eu dava antes da

---

<sup>23</sup> Cidade do Canadá, localizada ao sul da Província de Alberta.

<sup>24</sup> Jefferson Fagundes Loss

<sup>25</sup> O entrevistado está fazendo referência ao professor Marco Aurélio Vaz.

<sup>26</sup> Helio Barcelos Ferreira.

<sup>27</sup> Poli Marcelino Espírito.



federalização. Depois da federalização eu criei disciplinas para que eu pudesse dar, criei Medicina do Esporte, criei Fisiologia do Exercício, mas depois Fisiologia passou para um outro departamento, então fiquei só com Medicina do Esporte. E, praticamente, só era essa disciplina que era eletiva, não era obrigatória. Os alunos faziam se queriam, se não queriam não faziam. Essa disciplina teve uma importância muito grande, eu penso até que foi Avaliação Funcional que eu criei, junto com... Não foi Medicina do Esporte e a Avaliação Funcional era uma disciplina facultativa, então... Não chegou a ter influências marcantes como professor da Escola. Para mim, a minha influência maior foi: primeiro, no LAPEX, criando o LAPEX e formando o pessoal que depois passou a lecionar na Escola. Foi na Pós-Graduação em Medicina do Esporte, onde veio mais de cem alunos do exterior para cá e colocou de certa maneira Porto Alegre no mapa internacional. Foi a minha função como diretor, de me preocupar com o doutorado e com o mestrado dos professores da Escola. E aí eu limito a minha... Talvez um pouco como diretor do Pós-Graduação, mas era um pós-graduação normal, não chegou a ser um *grande* pós-graduação.

K.D. - E sobre essas alterações do currículo da Escola?

E.R. - Eu não vivia a intimidade dessas coisas, porque eu raramente era de departamento, no meu tempo tinham dois departamentos. Eu nunca consegui ser, justamente por ser médico, era... Não é uma ocasião de lembrar esse problema, mas eu tinha muita oposição dentro da Escola. Eu era considerado um camarada ectópico dentro da Escola, então, eu nunca consegui certas coisas, como participar de um departamento, ou ser um chefe de departamento, ou enfim, em qualquer momento atuar ao nível de decidir, nem eu entendia muito, sendo médico eu não entendo nada de Educação Física para discutir o que um aluno de Educação Física tem que estudar ou não, então eu não participava muito. Cheguei ao nível de vice-diretor e diretor, mas aí, evidentemente, eu contava principalmente... O meu vice foi o Alexandre<sup>28</sup>, ele era o camarada que na área de Educação Física respondia pela maioria das questões.

K.D. - E, quanto aos alunos que passaram por ti na ESEF, podia descrever um pouco o perfil dos alunos? Que formação eles se interessavam? Ou o que buscavam nas tuas disciplinas?

E.R. - Olha, o pessoal que fazia a minha disciplina era muito orientado para treinamento esportivo, quer dizer, era uma parte como disciplina opcional, porque a Avaliação Funcional tinha uma orientação muito de treinamento esportivo. E, os professores de treinamento esportivo, eram quase todos do LAPEX, justamente por ser uma área que exige um conhecimento científico maior. Esse era o perfil mais ou menos, o pessoal que trabalhava em academia, eu forçava muita a reabilitação de cardíaco, sempre foi uma área muito trabalhada pelo LAPEX, pelo Dr. Jorge<sup>29</sup>. Quando era possível fazer alguma coisa na graduação, de uma maneira ou de outra, principalmente estagiando no LAPEX ou na área de Avaliação Funcional, ou no Pós-Graduação... Esses alunos que passaram na Escola por mim, hoje, praticamente todos trabalham em academia ou em reabilitação de cardíacos, ou em alguma coisa desse tipo. Interessante que, por exemplo, a Flávia<sup>30</sup> antes de ser professora, antes de ser médica, ela era uma pediatra e ela foi fazer o curso de Medicina do Esporte, depois desenvolveu conosco e aí, terminou entrando na ESEF para trabalhar. Ela ainda estudou comigo na área de... Ela fazia parte do grupo de pediatria do LAPEX também. Só para citar alguns. Mas é um grupo bastante grande.

K.D. - Das disciplinas e do conhecimento que se tinha na década de 70, muita coisa deve ter modificado nesse período que o senhor esteve vinculado à Escola, de 69 a 99. Teria algumas mudanças de coisas que eram ensinadas, que foram marcantes?

E.R. - Eu não sei te responder essa pergunta, porque, justamente, eu nunca participei da docência da Escola. A não ser quando eu voltei do doutorado em 85, de 85 em diante. Mas eu quero te dizer que o pessoal que estava comigo já no LAPEX, entrou muito antes em 80 e antes ainda eles já, de alguma maneira, influenciavam um pouco o comportamento destas disciplinas na Escola. Então... E como o ensino também foi ser compartimentalizado por áreas específicas, muita coisa ficou com a Fisiologia, apesar de a Fisiologia no meu tempo dar duas cadeiras, uma Fisiologia Básica e uma Fisiologia do Esporte, na realidade o aprendizado maior de Fisiologia da pessoa que se interessasse por essa área, por Treinamento Esportivo, por exemplo, era no LAPEX, como estagiário, entende? Mas eu não cheguei a sentir como professor ou como aluno as realidades da ESEF, porque eu nunca participei do ensino. Havia até os anos 80, quando eu passei a professor da Escola,

---

<sup>28</sup> Alexandre Velly Nunes.

<sup>29</sup> Jorge Pinto Ribeiro.

havia uma certa animosidade entre a Escola e o LAPEX, e é muito fácil de tu entender, porque o LAPEX ganhava um rio de dinheiro e a Escola ganhava um cocôzinho. Então, não tinha, quer dizer, muitas das coisas da Escola eram feitas pelo LAPEX. Quando o Newton<sup>31</sup> foi diretor, por exemplo, eu me lembro que eu dei a biblioteca, os telefones, dei até a sala da direção, dei um série de coisas, porque eles não tinham meios para fazer as coisas dele. E, dentro sempre de um comportamento ético, mas de uma diferença de opinião normal, comum e corrente, o meu grande problema na Escola foi o professor Bugre Lucena<sup>32</sup>, que era vice-diretor, era um cara muito sincero, muito bacana e ele dizia: “Não, médico comigo não tem vez!” E me chutava de todo o jeito que podia, abertamente, não era uma coisa assim política, era uma posição dele, pessoal dele, que eu respeito. Mas evidentemente, depois de 80, isso tudo caiu, porque houve o decreto lei e a passagem dos professores para a Escola.

K.D. - Lembras dos testes físicos? Divisões das turmas por sexos, essas coisas, tu viste na Escola? Teste físico para entrar no curso?

E.R. - Eu fiz teste físico para entrar no curso de Medicina do Esporte. E, me lembro que eu tive um problema com o Francisco Camargo Neto, outra vez não sei se é... É o Chico esse, não é o Chiquinho. É que o Chico mandou eu subir numa corda, eu nunca tinha subido naquela corda. Eu tinha que subir na corda em esquadro. Eu me lembro que eu pulei, me agarrei na corda e fiquei. E fui o médico que pulei mais alto, devo ter pulado uns cinco centímetros, mas eu não... Não tinha. Eu me lembro do teste de natação, tinha que bater palma no meio da piscina, isso eu consegui fazer. Tinha um teste de corrida que tinha que correr uma certa distância. Eu nunca corri na vida! Aí eu pedi para uma das alunas naquela época, que é a minha amiga, a Tânia Klempt<sup>33</sup>, que me ajudasse a dar um ritmo de certa maneira, se não eu não ia conseguir correr aquele negócio. Então, eu fazia provas para entrar no curso de Medicina como se fazia para entrar no curso de Educação Física. Isso terminou quando a Escola foi federalizada, pelo menos na parte de Medicina, depois na Educação Física, eu não sei se os testes continuaram a fazer teste.

---

<sup>30</sup> Flávia Meyer.

<sup>31</sup> Newton Fernando Fortuna.

<sup>32</sup> Bugre Ubirajara M. De Lucena

<sup>33</sup> Nome sujeito à confirmação

K.D. - Mas na Medicina tinham as mesmas provas?

E.R. - Tinha! Toda prova... Eu tirei... Eu brinco sempre, quando eu fiz... Eu fiz Medicina por acaso, Medicina do Esporte, porque quem queria fazer Medicina mesmo, era o Dr. Itamar Sofia do Canto. Mas a Escola tinha uma lei que dizia o seguinte, quando ela era estadual, se não houvesse cinco candidatos, não havia curso. Houve vários cursos na Escola, mas nos últimos anos nós não estávamos conseguindo cinco. Então, o Itamar veio me procurar para me pedir para ser um dos cinco. Eu me lembro que eu fui um dos cinco e, depois dos cinco fazerem, aí o curso saiu, só entrou o Itamar e eu. O Itamar entrou em primeiro lugar, eu entrei em segundo lugar. E, eu dizia que eu tinha sido penúltimo no vestibular e ele tinha sido antepenúltimo [riso], mas era brincado, mas...

K.D. - Mas era um curso considerado de Pós-Graduação?

E.R. - Não, era um curso de especialização! É, Pós-Graduação, no meu tempo, se chamava pós-graduação *sensu lato*. Era um curso de 360 horas.

K.D. - E era realizado na ESEF?

E.R. - Na ESEF! A ESEF fazia o estadual, curso para deficiente... Agora não sei qual é o politicamente correto de chamar o cego, mas para deficiente visual, e para médico mais ou menos no mesmo nível [riso], que os dois deviam estar no mesmo nível [riso]. E fazia também um tipo cursinho “Walita” para professor do interior que vinha, que tinha que voltar para ensinar Educação Física. Então, eram umas três, vamos dizer assim, especializações na ESEF. Enquanto estadual, depois como federal, aí ela segue a norma da federal.

K.D. - Viste surgir a pesquisa na ESEF?

E.R. - Ah, vi! A pesquisa começou com o LAPEX. Quer dizer, pode ser que alguém fizesse alguma pesquisa anterior, mas nesse caso era um esforço isolado. Como instituição, a pesquisa surge com o LAPEX. E aí, começaram as publicações, os estudos, porque ninguém tinha publicação na ESEF naquela época, pelo menos que eu me lembre.

K.D. - E as bolsas?

E.R. - É, não... Aí todo o sistema... Isso veio um pouco mais tarde, não foi logo em 70 que começaram as bolsas, elas começaram quando surgiu o mestrado. Então, evidentemente, já havia bolsa de auxiliar de pesquisa e isso aí já tinha no tempo do LAPEX, já tinham vários alunos da ESEF que trabalhavam no LAPEX como pesquisadores.

K.D. - Mas a pesquisa num primeiro momento ela fica limitada ao LAPEX?

E.R. - Ela fica praticamente até o ano 80 limitada ao LAPEX, só...

K.D. - A como é essa abertura?

E.R. - A abertura foi aquilo que eu te falei, pelo Decreto-Lei federal, os professores colaboradores que eram só do LAPEX, passaram a ser professores da Escola. E, também, porque mais tarde surge o Mestrado, então, evidentemente, surge a revista e tudo isso exige uma pesquisa.

K.D. - Essas primeiras pesquisas que eram realizadas no LAPEX, elas era voltadas para que áreas?

E.R. - Era principalmente para a área de Cineantropometria, de Fisiologia e de Cardiologia de Esforço e também de Psicologia, que se fazia, o Benno fazia. O Jorge<sup>34</sup>, por exemplo, foi fazer um aprendizado de Fisiologia na Suécia. O [nome inaudível] que era o maior professor do nosso tempo, considerado um dos grandes mestres da Fisiologia, ele aprendeu a Fisiologia com o [nome inaudível], aprendeu a fazer [palavra inaudível], a trabalhar com Saco de Douglas<sup>35</sup>, depois ele implantou isso na ESEF e várias pesquisas foram feitas e publicadas pelo LAPEX. Depois ele continuou esse trabalho na Medicina. É a mesma coisa... Professores que fizeram estudos lá dentro do LAPEX. Eu penso realmente que a pesquisa em termos de publicação surge com o nascimento do LAPEX e entra muito forte na Escola depois de 85 e principalmente depois do Mestrado.

---

<sup>34</sup> Jorge Pinto Ribeiro.

<sup>35</sup> Nome sujeito à confirmação.

K.D. - Uma das principais críticas dos alunos da ESEF ao LAPEX é que ele é muito fechado ao uso da comunidade acadêmica e que os seus serviços seriam muito prestado a equipes de futebol, de vôlei, equipes competitivas que pagam pelos serviços e que isso seria uma forma de privatizar aquele espaço que seria público. O senhor teria alguma coisa a dizer em relação a isso?

E.R. - No meu tempo, o LAPEX sempre esteve aberto aos alunos, só que era aberto dentro de uma certa organização de abertura, não dava para ser uma zona, tinha que ser... O aluno tinha que ter um projeto de pesquisa para usar o LAPEX, mas nunca os alunos foram proibidos de usar o LAPEX, porque o LAPEX é... O LAPEX é que era proibido pela Escola de ser um campo [palavra inaudível], quer dizer, não é essa... No meu tempo a proibição era da Escola, de não deixar o pessoal do LAPEX entrar e, em geral, não favorecer que os alunos fossem ao LAPEX, ou se tornassem monitores do LAPEX. Isso, evidentemente, tornou o LAPEX um pouco fechado ou blindado, mas depois de 85, quando o LAPEX passou a integrar a Escola, com professores do LAPEX sendo professores da Escola, isso tudo terminou, quer dizer, terminou no sentido que... Não havia, é claro, todas as aulas de Fisiologia, sendo dadas na Medicina, não eram dadas dentro do LAPEX. Então, não é que o LAPEX não estivesse aberto para ti receber aula, simplesmente é que pelo estilo de departamentalização da UFRGS, não competia ao LAPEX dar essas aulas, entende? Isso sempre gerou um afastamento do LAPEX, porque que aula tu vai usar o LAPEX? Não existia aula, existia aula de um departamento que era noutra faculdade...

[FINAL DA FITA 105/01-A]

E.R. - Essa crítica tem que ser feita com uma análise de... Hoje eu não sei como é que está. Eu posso te dizer até 99, mas depois de 99 eu não sei mais, mas pelo menos no meu tempo não havia esse tipo de problema no LAPEX. Ele era aberto, mas evidentemente que ele não participava do ensino, pelo fato de o ensino não ser no LAPEX, quer dizer, serem professores que não eram nem da Escola, eram professores da Fisiologia, da medicina que eles vão dar aula no LAPEX. Mas na Pós-Graduação da Escola, sempre se deu aula no LAPEX.

K.D. - Bom, por fim, o que significou a ESEF na tua vida?

E.R. - Para mim significou tudo, porque eu fui um médico muito diferente do comum, nunca fiz consultório. Eu me dediquei sempre... Eu era *full time*, eu tinha duas funções dentro da Escola: uma como médico que eu mantive e outra como professor, então, isso me dava dedicação exclusiva. Eu não tinha D.E.<sup>36</sup>, porque eu não era... Eu tinha duas funções, não podia ter D.E. em uma, senão não podia ter a outra, mas eu sempre trabalhei na Escola toda a minha vida útil e eu me retirei da Escola porque... Eu não sei se cabe falar isso aqui, eu preferia que tu desligasse, mas eu posso te dizer...

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

E.R. - O LAPEX e... Nós fomos para Colômbia com um grupo de professores e fomos atendendo, naquela época, um convênio do Brasil e instalamos um laboratório de pesquisa na Colômbia e me recordo que foi um momento interessante. Depois, nós fomos ao México também em 75, nos Jogos Panamericanos e aí foi onde eu comecei a trabalhar na minha atividade internacional, porque deu um problema de *dopping* e eles resolveram me chamar para resolver no meio do jogo. Essas viagens para o exterior eram uma coisa que sempre me deixam uma lembrança agradável.

K.D. - Então, muito obrigada!

E.R. - Vamos lá, vem comigo que eu te dou uma...

[FINAL DO DEPOIMENTO]

---

<sup>36</sup> Dedicção Exclusiva.